

O SUJEITO NO TEXTO: O TEÓRICO, O TRADUTOR E O LEITOR¹

CRISTINA CARNEIRO RODRIGUES
UNICAMP - DOUTORADO
UNESP - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o papel do tradutor e o do teórico, tomando como ponto de partida o texto de Todorov "Freud sur l'énonciation" (1970), em que são resumidas algumas observações de Freud consagradas aos problemas da enunciação. Baseado em **Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente** (a partir daqui, **Os Chistes**) e em **Técnica da Psicanálise** (a partir daqui, **TP**), Todorov reflete sobre três questões: a necessidade da reconstituição da história transformacional de uma enunciação para entendê-la; o fato de a recepção ser dependente da situação em que se encontram falante e ouvinte; a distinção entre o discurso pessoal e o impessoal.

Em relação ao primeiro ponto, para Todorov, uma enunciação não pode ser compreendida se nos limitarmos apenas a ela. É necessário:

reconstituir a história da enunciação, pois cada uma é o resultado de uma série de transformações de uma primeira enunciação; cada enunciação possui, portanto, sua história transformacional. Contentar-se com a enunciação presente, imediatamente observável, é tomar a parte visível do iceberg pelo iceberg inteiro. (p. 34)

Essa reconstituição envolve a formulação de uma "hipótese geral sobre a estrutura de toda situação verbal" (p. 36). Baseado em **Os Chistes**, afirma que esta é triangular, ou seja, que são necessárias três pessoas para o exercício da linguagem: **eu**, a pessoa que fala; **tu**, aquela a quem se fala; e **ele**, a de quem se fala. De acordo com Freud, entretanto, apenas no caso do "**smut**" (obscenidade), a triangulação é necessária, pois a pessoa-objeto (de quem se fala) tem que ter sido, anteriormente, a pessoa a quem se falava.² Todorov estende a toda situação verbal a afirmação de Freud,

para concluir que os discursos sempre remetem a discursos e a receptores precedentes, nunca se atingindo a fonte, o "original":

o discurso sempre retorna a um discurso precedente, a um alocutário original e impossível. A enunciação "original" é um mito, pois toda enunciação pressupõe uma enunciação anterior. (p. 37)

Essa extensão praticada por Todorov mostra que, enquanto teórico, ele seleciona, no texto do outro, os pontos que podem apoiar sua tese sobre a enunciação. Faz, como qualquer produtor ou receptor de textos, operações de seleção, tanto em relação aos trechos citados quanto à interpretação a eles dada.

Essa questão relaciona-se com o segundo ponto tratado no artigo de Todorov. Quando afirma que a recepção é dependente do ouvinte, e que a situação em que o locutor se encontra "pode modificar o valor do enunciado" (p. 37), Todorov poderia concluir que não há recepção neutra. Mas não o faz. Parece que suas concepções teóricas o impedem de aceitar a extensão de seu dito. Ele recorre a uma distinção entre sentido e efeito, afirmando que um enunciado **tem** um sentido, e é apenas seu efeito que é alterado dependendo da situação. Coloca, assim, que tanto os papéis dos enunciadores quanto o sentido estariam inscritos em um enunciado; mas no cotidiano, em situações reais, haveria a possibilidade de uma mudança, "que não afeta o sentido do enunciado, mas o efeito que esse enunciado produz no alocutário" (p. 38). Nota-se que Todorov cerceia suas reflexões com o aparato da teoria da enunciação.

A questão da recepção poderia, entretanto, ter sido ampliada, a partir da citação que faz de Freud a respeito do alocutário:

Diante de uma platéia de sujeitos dedicados a meu adversário, as invectivas mais espirituosas que eu poderia lançar não fariam efeito de ditos espirituosos, mas de invectivas puras e simples e suscitariam não o riso, mas a indignação do ouvinte. (Os Chistes, apud Todorov p. 37)

No caso, um chiste pode não provocar o riso, mas a indignação, dependendo da ideologia do receptor. Freud fornece outro exemplo interessante: o "smut" (obscenidade) pode causar constrangimento se, por exemplo, a pessoa a quem se fala for o irmão da mulher que é objeto do dito pornográfico. Para Freud, inclusive, cada chiste exige um público especial. Aqueles que estão acostumados a rir do "smut" (obscenidade) não

terão prazer com o chiste engenhoso e sutil. (*Os Chistes*, Ed. Standard, col. VIII, p. 53)

O texto de Freud não mostra separação entre sentido e efeito. Mas Todorov resiste a essa conclusão, apesar de afirmar que “a emissão de um enunciado, assim como sua recepção, comporta (consiste em) uma escolha” (p. 38). No entanto, se a produção e a interpretação são seletivas, se não há uma enunciação original, impossível separar sentido e efeito.

Outro fator que inibe essa dissociação é a questão da escolha poder ser consciente ou inconsciente. Conscientemente, podemos dirigir nossa atenção para algo específico, selecionando material de acordo com nossas expectativas. Inconscientemente, podem funcionar alguns mecanismos, como o ocultamento, a resistência e o deslocamento.³ Isso indica que não há imparcialidade na recepção nem distinção entre sentido e efeito. E o próprio Todorov mostra a ação desses mecanismos, ao selecionar os trechos de Freud que podem apoiar suas teses. Mostra, também, que não há produção nem recepção neutras: Todorov lê Freud de acordo com a ideologia da teoria da enunciação. Indica que o teórico é um sujeito que vive em uma dada sociedade, em um determinado tempo e em um lugar, é formado de acordo com uma certa ideologia e faz suas operações de seleção, conscientes ou não, ao produzir seu texto.

Percebe-se, assim, que a leitura não é neutra. E, da mesma maneira que a formação de Todorov influencia sua leitura dos textos de Freud, a ideologia do tradutor vai se refletir na leitura do texto a ser traduzido. Sua concepção de tradução e a imagem do texto lido é que vão orientar sua produção, assim como as concepções do que é linguagem, do que é interpretação, do que é enunciação determinam a produção de um teórico da enunciação, aqui representado por Todorov. As palavras que um produtor de textos seleciona estão inseridas em sua ideologia, da mesma maneira que o uso que faz delas.

A análise de traduções e o depoimento de tradutores experientes mostram que a formação do tradutor direciona seu trabalho quanto ao emprego das palavras e à orientação seguida. Dois tradutores podem, inclusive, usar uma mesma palavra para definir o trabalho que fazem, mas executá-lo de acordo com diretrizes divergentes. Podemos tomar como exemplo dois dos mais conhecidos tradutores do Brasil, Paulo Vizioli e Haroldo de Campos. Ambos situam sua produção no campo da “recriação”. Em uma entrevista, Paulo Vizioli declara identificar-se com a “tradução literária como recriação”, visando a “recriar as características sonoras do texto original” e a “transmitir aquele impacto emocional contido no texto original” (*apud* Nóbrega, T. et alii, 1988, p. 56). De acordo com seu ponto de vista, as traduções de Augusto e Haroldo de Campos são “adaptações

literárias" (op. cit., p. 55). Haroldo de Campos, por outro lado, afirma que se ocupa da "tradução criativa (recriação, transcrição)" e que busca a "hiperfidelidade" (op. cit., p. 56-57). Os dois tradutores declaram que o que fazem é "recriação", que são fiéis ao texto original, mas suas diretrizes básicas são tão diferentes que cada um deles resiste, inclusive, em aceitar o trabalho do outro como "tradução". Paulo Vizioli diz que nem sabe se quem faz adaptações "merece ou deve ser chamado tradutor" (op. cit., p. 55); para Haroldo de Campos, a única boa tradução é aquela que "aspira à transcrição" (op. cit., p. 60). Divergem, portanto, em relação às concepções do que seja traduzir, apesar de terem como objetivo serem fiéis ao texto original. Só que suas concepções do que seja o "texto original" são tão diferentes quanto o uso que fazem da palavra "recriação".

Isso fica evidente ao compararmos as traduções de poemas de John Donne feitas por Augusto de Campos e por Paulo Vizioli. Ambos "recriaram" os poemas, mas os resultados foram tão diferentes, que acabaram provocando uma polêmica entre Paulo Vizioli e o crítico Nelson Ascher, publicada na **Folha de São Paulo**.⁴ Observa-se, nos textos dos dois autores, que os tradutores não partilham das mesmas concepções do que seja tradução, nem atribuem a Donne as mesmas características. Mostram, portanto, que o "texto original" e seu autor são construídos a partir de um ponto de vista ideológico, o que se reflete nas traduções produzidas.

A análise de traduções evidencia que os textos são construídos pelos leitores. Enquanto só temos acesso à interpretação de um leitor comum por meio de análise de protocolo, a interpretação do tradutor torna-se pública. E seu estudo mostra que é impossível a existência de um texto "original" que não seja contaminado pelas concepções do sujeito que leu e traduziu o texto, pois as traduções acabam sempre por refletir as concepções que as nortearam.

Os textos teóricos também revelam sua inserção em uma formação ideológica. Vimos que Todorov afirma, por um lado, que não há enunciação nem alocutário originais. Mas, por outro lado, a força de suas concepções levam-no a relativizar sua afirmação, colocando que todo pesquisador interessado na enunciação deve procurar o terceiro, o alocutário original (p. 37). Parece dizer que o teórico, o pesquisador, tem a obrigação de chegar a essa enunciação original, ainda que a considere mitológica. Isso fica mais evidente ao analisarmos a metáfora que emprega ao afirmar que a descrição do processo de enunciação envolve mais que a superfície imediatamente observável: o **iceberg**. Um **iceberg** tem uma parte visível e outra abaixo da linha da água, pronta para ser dimensionada por pesquisadores que empreguem os instrumentos adequados. Todorov parece esperar que o teórico, com um método científico eficiente, atinja a totalida-

de, a enunciação "original". Sua ideologia não permite sequer aventurar a hipótese de que o "original" poderia ser produto de uma construção.

Em relação à tradução ocorre um processo análogo. Espera-se que o tradutor, sendo um profissional, descubra as intenções do emissor original, as reações do leitor original e, com o auxílio de um instrumental teórico, atinja o texto original e forneça, em sua tradução, a interpretação verdadeira. Ora, se voltarmos ao que Todorov diz explicitamente em seu texto, não é possível atingir o autor e o leitor originais. Até mesmo o texto original seria considerado mitológico. No entanto, Todorov espera que o pesquisador procure e encontre os originais, da mesma maneira em que se acredita que o tradutor possa, com instrumentos adequados e agindo conscientemente, desvendar a verdade do texto e descobrir as intenções do autor e provocar no seu leitor o mesmo efeito que o original causou no leitor do texto no idioma de origem.

Observa-se uma resistência quanto à aceitação de que entre os atos de consciência e o sistema nervoso haja o psíquico, que norteia as escolhas, sejam elas do teórico, do falante, do ouvinte, ou do tradutor. Oculta-se que a seleção envolve processos mentais e coerções sociais fundamentais para a produção de sentido. Não se admite que a leitura seja construída no interior de uma determinada ideologia.

O processo de leitura, tanto quanto o de tradução, não pode deixar de envolver escolha. Só que no caso da tradução o mesmo sujeito é, por um lado, leitor de um texto e, por outro, produtor de uma tradução. Tanto sua interpretação quanto sua produção vão passar por um mesmo sistema de crenças e por um mesmo aparelho psíquico. Ambas serão concebidas por uma única pessoa dentro de um mesmo aparato conceitual e as mesmas resistências psíquicas irão funcionar.

Um dos pontos que tornam a tradução um campo de estudos tão instigante é justamente a duplicidade, ou seja, a atualização da recepção. Tomando a letra de Todorov, não teremos nunca acesso à leitura original do tradutor. Mas, ainda assim, podemos ler sua interpretação. Não há como ter acesso aos processos psíquicos do tradutor, mas é possível refletir sobre os esquemas conceituais que nortearam suas escolhas. E elas não podem ser neutras nem imparciais. Da mesma maneira como Todorov mostra-se envolvido em seu texto, o tradutor não pode ser impessoal. A produção de um texto sempre revela a presença ativa de seu autor, seu engajamento ideológico.

Ainda que Todorov defenda a possibilidade de um "discurso impessoal", em que os elementos da enunciação (interlocutores e situação) não tenham presença ativa, sua produção mostra que o autor é um sujeito engajado em um modelo conceitual, que faz operações de seleção

de acordo com suas concepções teóricas. A leitura e o uso que faz do texto de Freud mostram também a inacessibilidade de um texto original.

A questão do texto original vem sendo discutida, em relação ao estudo da tradução, por Rosemary Arrojo em vários trabalhos (V., por exemplo, Arrojo 1986 e 1990). Para a autora, o texto não é objeto com conteúdo e forma determináveis independentemente do ponto de vista do sujeito que o lê. A leitura é feita por um sujeito real, em uma situação sócio-histórica determinada, com uma bagagem de conhecimentos, com desejos conscientes e inconscientes. A leitura e a tradução são praticadas por seres humanos, por sujeitos cujas experiências determinam a interpretação de um texto. E, como foi visto, o teórico, enquanto produtor de textos, é também um sujeito engajado em uma situação específica e tem uma vida mental que se mostra em sua produção. Tanto quanto os leitores e os produtores de textos, os teóricos e os tradutores acabam por revelar sua ideologia nos trabalhos que realizam.

NOTAS

1. Agradeço a Rosemary Arrojo e a Nildemir Ferreira de Carvalho as sugestões feitas a uma versão anterior do trabalho. Lembro, entretanto, que as opiniões aqui expressas são de minha inteira responsabilidade.
2. Freud, em **Os Chistes**, enfoca a técnica de elaboração do chiste e seu mecanismo de efeito de prazer. Examina os processos de elaboração e de recepção, enfocando os papéis do produtor, do receptor e da pessoa-objeto (de quem se fala). Ao diferenciar o cômico e o chiste, constata que o chiste precisa ser contado a alguém, ou seja, a segunda pessoa é indispensável; a pessoa-objeto "pode estar ausente, exceto quando se trata de um chiste tendencioso, agressivo. Assim, apenas alguns casos, especialmente o **smut** (obscenidade), são descritos como processos psíquicos que envolvem necessariamente três pessoas. O cômico, por outro lado, pode contentar-se com duas pessoas: a primeira, que constata a comicidade, e a pessoa-objeto. Sua transmissão é dispensável, pois o importante para o prazer é a percepção do cômico. (**Edição Standard**, vol. VIII, p. 207)
3. De acordo com Freud, "o adulto [...] envergonha-se de suas fantasias, escondendo-as de outras pessoas", ocultando, em geral, o que uma dada sociedade em um determinado tempo e local não se permite que seja ventilado (**Edição Standard**, vol. IX, p. 51). Pode funcionar também, inconscientemente, a resistência, ou seja, o recalque de desejos ou de representações penosas (**VP**, pp 595-599). O deslocamento ocorre quando a acentuação, o interesse ou a intensidade de uma representação solta-se dessa e passa para outra representação, originariamente pouco intensa, mas que é ligada à primeira por uma cadeia associativa. Manifesta-se pela representação pelo oposto e pela representação indireta ou substituição (**VP**, pp 162-165).
4. A polêmica entre Nelson Ascher, crítico do jornal, e Paulo Vizioli aconteceu em 1985, tendo sido analisada por Rosemary Arrojo (1986b).

BIBLIOGRAFIA

- ARROJO, Rosemary (1986a). **Oficina de Tradução: A Teoria na Prática**. São Paulo: Ática.
- (1986b). “Paulo Vizioli e Nelson Ascher Discutem John Donne: A Que São Fiéis Tradutores e Críticos de Tradução?”. In **Tradução & Comunicação** 9: 133-142.
- (1989). “Compreender x Interpretar e a Questão da Tradução” In **Estudos Lingüísticos XVIII**, Anais de Seminários do GEL, Lorena: 37-42.
- (1990). “Teorias de Tradução e a Questão do Texto Original”. In **Anais do IX Congresso Internacional da ALFAL** (no prelo).
- FREUD, Sigmund (1905-1940). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio: Imago, s/d.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1967). **Vocabulário da Psicanálise**. 7a ed., São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- NÓBREGA, Thelma M.; GIANI, Giana M. G. (1988). “Haroldo de Campos, José Paulo Paes e Paulo Vizioli falam sobre tradução”. In **Trabalhos em Lingüística Aplicada** 11: 53-65.
- TODOROV, Tzvetan (1970). “Freud sur l’*énonciation*”. In **Langages** 17: 35-41. (Tradução de Andréa Mori, minha revisão).